

## UM SEDUTOR NA CRIPTA: ARTICULAÇÕES ENTRE LAPLANCHE E TOROK

SEDUCER IN THE CRYPT: ARTICULATIONS BETWEEN LAPLANCHE AND TOROK

Bruna Luzia Garcia de Oliveira<sup>1</sup>

Emanuelly Jackeliny Psissinati Martins<sup>2</sup>

Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto<sup>3</sup>

Gustavo Angeli<sup>4</sup>

Larissa da Cruz Lima<sup>5</sup>

Monia Karine Azevedo<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Psicóloga, mestre em psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: brunagarciapsico@gmail.com

<sup>2</sup> Psicóloga, doutoranda e mestre em psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: emanuely.psi@gmail.com

<sup>3</sup> Psicólogo, pós-doutorado em psicanálise na Université de Paris VII, professor da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: garmneto@gmail.com

<sup>4</sup> Psicólogo, doutorando em psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestre em psicologia da Universidade Estadual de Maringá, docente do Curso de Psicologia no Centro Universitário de Brusque – Unifebe. E-mail: gustavoangeli@gmail.com

<sup>5</sup> Psicóloga, mestre em psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: larissadacruzlima@gmail.com

<sup>6</sup> Psicóloga, mestre em psicologia da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: monia\_azevedo@hotmail.com

**Resumo:** O presente trabalho realiza uma aproximação entre duas teorias psicanalíticas. A primeira é a teoria da sedução generalizada desenvolvida por Jean Laplanche, e tem por base uma retomada da primeira teoria da sedução de Freud. A outra é a teoria de Nicolas Abraham e Maria Torok, um trabalho sobre as influências do traumático no psiquismo e novos conceitos para a estruturação psíquica. As aproximações encontradas entre essas teorias foram proposições de mensagem intrometida e do conteúdo encriptado; o destino dessas mensagens, as propostas de inconsciente encravado e cripta; e aproximações entre as concepções de trauma de ambas as teorias.

**Palavras-chave:** Teoria da sedução generalizada. Abraham e Torok. Trauma.

**Abstract:** *The present work aims to make an approximation between two theories. The first is the generalized seduction theory, which was developed by Jean Laplanche, based on Freud's first theory of seduction. The other is the theory of Nicolas Abraham and Maria Torok, a study of traumatic influences in the psyche, and new concepts for psychic structuring. The approximations found between these theories were propositions of nosy message and encrypted content; the destination of these messages, the proposals for ingrown unconscious and crypt; and approximations between the conceptions of trauma in both theories..*

**Keywords:** *Generalized seduction theory. Abraham and Torok. Trauma.*

O presente artigo objetiva analisar possíveis encontros entre a teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche e algumas formulações teóricas de Nicolas Abraham e Maria Torok. Nesse sentido, tomamos como base a obra de Jean Laplanche (1992) *Novos fundamentos para a psicanálise* e *Os caminhos do trauma em Nicolas Abraham e Maria Torok* de Suzana Pons Antunes (2003).

A psicanálise é um campo teórico com produções de autores que falam desde os mais variados lugares, que partem de diferentes contextos clínicos e têm influências distintas na construção de seus pensamentos. O ponto de encontro entre os teóricos é a referência direta ou indireta a Freud e/ou seus discípulos, e, principalmente, o objeto de estudo: o inconsciente. Justamente por todos possuírem uma leitura psicanalítica e um objeto de teorização em comum, não podem, a nosso ver, escapar a aproximações em suas construções teóricas. Assim é o caso no que tange às teorias de Jean Laplanche e do casal húngaro Nicolas Abraham e Maria Torok. São teorias muito diferentes, mas com pontos semelhantes, sobretudo porque ambas se reivindicam de um “ancestral” em comum: as ideias de Sándor Ferenczi (2011a).

Laplanche foi um teórico da terceira geração da psicanálise que se preocupava com o “desvio biologizante” da obra de Freud, ou seja, o alinhamento que havia sido criado entre a psicanálise e as ciências naturais na tentativa de explicar as pulsões e outros fundamentos dessa teoria. Laplanche tentava “corrigir tendências naturalistas, positivistas e funcionalistas da teoria freudiana” e realinhá-la às ciências humanas (Campos, 2012, p. 25).

Sua extensa interpretação da obra freudiana culminou em uma compreensão original do psiquismo – a teoria da sedução generalizada (TSG) –, retomando a primeira teoria da sedução de Freud, que fora por este abandonada em prol da teoria do fantasma. Em uma releitura, Laplanche repensa a sedução provinda do outro, sempre presente no lidar com a criança, como traumatizante e constituinte da subjetividade (Laplanche, 1992).

Nicolas Abraham e Maria Torok foram dois psicanalistas franceses, de origem húngara, que produziram suas teorias a partir dos anos 1960. Com o falecimento de Abraham, em 1975, Maria Torok deu continuidade à produção e depois se vinculou ao sobrinho de Abraham – Nicolas Rand – com quem desenvolveu alguns trabalhos e com quem se casou após a morte do primeiro. Abraham e Torok produziram estudos significativos, entre eles aquele sobre transmissão de segredos familiares e sua relação com a formação do fantasma e aquilo que os autores denominaram *cripta*, bem como com o fenômeno do luto patológico (Mijolla, 2002).

## O SEDUTOR

A teoria da sedução generalizada se contrapõe à teoria da sedução restrita de Freud. De acordo com Laplanche (1992), Freud, em sua carta a Fliess de 1897, abandona demasiadamente cedo a teoria da sedução, de forma que esta última fica restrita ao patológico e ao comportamento perverso do adulto. Para Laplanche (1992), porém, a sedução não se restringe somente às relações de um adulto perverso com uma criança, mas parece ser algo bem mais generalizado, pois na relação do adulto com a criança, que no princípio se dá sobretudo através dos cuidados corporais, produzem-se mensagens, no sentido do primeiro para a segunda, incrustadas, digamos, por elementos inconscientes e, como tais, de natureza sexual e de uma sexualidade polimórfica.

Em *Novos fundamentos para a psicanálise*, Laplanche (1992), ao se questionar sobre o originário humano, ou seja, aquilo que, para além das contingências, deve existir e produzir um sujeito, propõe a ideia de uma situação antropológica fundamental (SAF). Em suas palavras, “a situação originária é o confronto do recém-nascido, da criança no sentido etimológico do termo, aquele que ainda não fala, com o mundo adulto” (Laplanche, 1992, p. 96). Dessa forma,

## ARTIGO

independentemente da cultura, da organização da sociedade e se é o pai ou a mãe quem cuida e fornece os elementos essenciais para a autoconservação do bebê, sempre deverá existir um adulto que se torne responsável por assegurar a sobrevivência do recém-nascido, pois este não tem de início recursos adaptativos suficientes para garantir sua vida. Nesse ponto, Laplanche (1992) demarca o universal de sua teoria: há filhos e pais, e os filhos precisam de auxílio para garantir sua sobrevivência e, enquanto isso ocorrer, o processo assimétrico de implantação de mensagens inconscientes do adulto na criança também estará ocorrendo.

Laplanche (1992) sublinha o desamparo do recém-nascido não somente em relação à manutenção de sua vida, mas também diante da sexualidade. A criança necessita de alguém que forneça os elementos básicos para preservação de sua existência física, como a comida e a higiene, e também que a provoque, a partir dos cuidados, pelo desejo. O desamparo é entendido como “o estado de um ser que, se entregue a si mesmo, é incapaz de ajudar-se por conta própria: precisa, portanto, de ajuda externa” (Laplanche, 1992, p. 104).

Nesse estado de insuficiência, a criança deixa-se cuidar pelo adulto como única forma de garantir sua sobrevivência. A comunicação da criança para o adulto se dá, então, com base na autoconservação; já na do adulto para a criança, os elementos autoconservativos estão parasitados pelo sexual polimórfico. “Há um verdadeiro desencontro entre a via que percorre a criança e a que percorre a mãe” (Laplanche, 1992, p. 105). Isso lembra bastante as ideias que Ferenczi (2011a) registra em seu *Confusão de línguas entre os adultos e a criança*. No ato de uma sedução de fato, um abuso de uma criança por um adulto amado, haveria uma confusão: a criança exprimir-se-ia na língua da ternura e o adulto, por sua vez, na língua da paixão, de forma que a confusão que daí resultaria daria num episódio sexual em que o adulto confunde a ternura da criança com paixão. O adulto, pois, muitas vezes arrependido, se sentindo culpado e amedrontado, pede segredo à criança, frequentemente a ameaça. Daí surge um segredo invencível e traumático. Mais que isso, ela se identifica com a culpa do adulto, de forma que seu segredo se torna culposo e motivo da vergonha. O grande desencontro de que fala Laplanche seria, pois, entre o que o adulto comunica à criança e o que ela tem de recursos para significar o que lhe foi comunicado.

A relação originária se estabelece, devido a isto, num duplo registro: uma relação vital, aberta, recíproca, que podemos dizer perfeitamente interativa, e uma relação onde está implicado o sexual, onde a interação não ocorre mais, pois a balança é desigual (Laplanche, 1992, p. 111).

O originário seria uma criança desadaptada ao mundo e um adulto “desviante” em relação à sua própria sexualidade. A criança aí funciona como um provocador, sem que ela faça nada, uma vez que somente a sua presença faz movimentar no adulto o infantil, o polimórfico perverso. Ora, trata-se, aí, de uma “balança desigual”, pois se a criança solicita ternura e amparo, o adulto, por sua vez, oferece a sexualidade, seu inconsciente. Assim chegamos ao ponto crucial da teoria da sedução generalizada: a sedução, entendida pela assimetria na relação do adulto que envia sua mensagem à criança.

Para Laplanche (1992), a criança estaria em um estado de imaturidade, de incapacidade, de insuficiência em relação ao que lhe acontece. Dessa forma, ela toma a forma passiva, a “forma” do seduzido. Uma relação de atividade-passividade, marcada sobretudo pelo inconsciente do adulto.

De acordo com Laplanche (1992), a sedução do adulto em relação à criança ocorre através desse deixar-se desviar da criança a partir das mensagens comprometidas pelo sexual dos adultos. Nos cuidados básicos com a criança, o adulto marca o recém-nascido com significantes enigmáticos, ou seja, mensagens provenientes de seu inconsciente e enigmáticas pelo fato de o seu próprio produtor desconhecer seu significado. “Essas mensagens enigmáticas suscitam um trabalho de domínio e de simbolização difícil, para não dizer impossível, que necessariamente deixa para trás restos inconscientes, *fueros*, dizia Freud, a que chamamos de “objetos-fontes” da pulsão” (Laplanche, 1992, p. 138). Nesse sentido, o adulto, ao transmitir mensagens enigmáticas para a criança, a impele a um trabalho de constante tradução.

Dito de outro modo, essa defasagem decorrente da balança desigual entre o adulto e a criança seria o terreno para o trauma. O aspecto traumático estaria no fato de a criança não ter condições de elaborar (metabolizar) a mensagem do outro, adulto, de maneira que isso transborda em seu psiquismo elementar. Se pensarmos no próprio exemplo que Laplanche (1992) fornece, o do sujeito que, na infância, viu o coito dos pais, sem que estes percebessem – aí está uma forma de sedução –, e cuja excitação foi-lhe traumática, temos então que o que faz transbordar o psiquismo é a excitação provocada pela implantação feita pelo adulto. O sujeito criança não pode nem fazer significar plenamente e nem dominar tal excitação.

O mundo do adulto com o qual a criança se depara não é um mundo objetivo, mas sim composto por mensagens que questionam a criança antes que ela possa compreendê-las. Diz o autor:

Pelo termo sedução originária qualificamos, portanto, esta situação na qual o adulto propõe à criança significantes não verbais tanto quanto verbais, e até comportamentais, impregnados de significações sexuais inconscientes (Laplanche, 1992, p. 134).

Essas mensagens enigmáticas suscitam um trabalho de domínio e de simbolização, seriam excessivas e deixariam restos inconscientes que necessitariam de tradução (Laplanche, 1992). O conceito de *après-coup* (*Nachträglichkeit*, em alemão, que se pode traduzir em português como “com posterioridade”) é retomado por Laplanche (1992) para a psicanálise, a fim de permitir uma melhor compreensão do constante movimento de tradução que o humano realiza. Cada um interpreta seu passado em função de seu presente, tendo em vista que o passado é marcado pela implantação do enigma do adulto e demanda uma elaboração.

Nesse sentido, pode-se pensar em um movimento retroativo ou progressivo. O homem adulto recorda seu passado a partir das referências de seu presente, de forma que este último contamina o primeiro, e o passado determina o presente, assim como o futuro. Tais movimentos não se eliminam, mas ocorrem paralelamente, diante de uma demanda constante de tradução das mensagens enigmáticas. Esses movimentos podem ser interpretados a partir da ideia de tradução. O significante do outro adulto só é traduzido, isto é, elaborado no *après-coup*, de forma que mesmo que o passado, a implantação, seja determinante para o presente, a sua tradução só é possível com elementos significantes do presente, o que por sua vez determinará o futuro.

A sedução originária funda, pois, um movimento de tradução-destratificação-retradução ao longo da vida. Partes não traduzidas formaram nosso incons-

## ARTIGO

ciente, e ao longo do tempo, a partir de novos elementos que entram em cena, poderemos elaborar ou simbolizar aquilo que estava em espera. Do mesmo modo, como podemos desconstruir o que foi traduzido e retraduzir (é sobretudo isso que ocorre em análise)? Ou seja, surge um sujeito e um constante movimento para dar conta do enigma do outro, pois, afinal de contas, como responder: “O que ele quer de mim, além de me aleitar e, no fim das contas, por que ele quer me aleitar?” (Laplanche, 1992, p. 135). Dito isso, vejamos agora algo sobre o trabalho de Abraham e Torok.

**A CRIPTA**

O casal de autores húngaros, Nicolas Abraham e Maria Torok, dedicou-se ao estudo das influências do traumático no psiquismo e, a partir de suas pesquisas sobre o trauma e introjeção, desenvolveram novos conceitos para a estruturação psíquica no campo da psicanálise. Abraham e Torok (1995) ressaltam a herança e a transmissão de aspectos psíquicos dos familiares na constituição do aparelho psíquico. A ênfase é dada ao segredo familiar proveniente de alguma experiência, sobretudo de natureza sexual, que tenha sido traumática, mas que foi silenciada de alguma maneira – seja ignorada, seja negada – e que, mesmo assim, é sentida como um evento vergonhoso. Eventos como esse podem afetar tanto os próprios sujeitos que os protagonizam quanto outras gerações.

O que há de inovador nessa teoria é a maneira pela qual é vista a vivência de eventos vergonhosos. Tais eventos são tratados como um segredo compartilhado com uma das figuras que o provocou. No momento do acontecimento há uma elevação libidinal provocada pelo objeto. Quando ocorre a perda do objeto por morte, tem-se novamente essa elevação, acompanhada do sentimento de transgressão. Sem que o digam, os autores estão buscando as consequências da situação traumática a que se refere Ferenczi em *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (Ferenczi, 2011a).

O trauma, portanto, é uma problemática central nos trabalhos de Abraham e Torok (Antunes, 2003) e aí se faz notar forte influência de Sándor Ferenczi. Para estes, o trauma não pode ser dito, nem nomeado, e permanece congelado, petrificado, em uma parte não integrada do psiquismo, o que de algum modo trava o funcionamento do aparelho psíquico. Há um entrave à elaboração do evento subjetivo que produz o trauma (Antunes, 2003), o qual se manifesta na perda do objeto que provocou o evento vergonhoso, e o mesmo evento se tornou um segredo (Abraham & Torok, 1995).

Desse segredo os autores “extraem” e estruturam o conceito de cripta: esta seria resultante da vergonha e da situação de invasão sexual que necessita ser mantida em segredo na estrutura psíquica. Assim, Abraham e Torok (1995) chamam atenção para o luto patológico, em que os principais aspectos são o segredo e a vergonha, que dariam origem à cripta. Vejamos que a palavra cripta, na linguagem comum, designa um local subterrâneo em que eram enterrados os padres na Idade Média e que podem ser vistos até hoje. Portanto, é lugar de algo morto, mas conservado. Cripta também quer dizer, na linguagem comum, algo que diz respeito ao que há de mais íntimo no sujeito – essa é a definição metafórica (Houaiss, 2009). Aparentemente, é essa segunda definição a que mais se aproxima do conceito de Abraham e Torok. No entanto, podemos tomar as duas, metaforizando também a primeira, uma vez que o que se encripta, nesse sentido, é algo “morto”, mas “vivo”, encerrado no mais íntimo do ser, como o seria um segredo “inviolável”.

A cripta, para os autores, seria uma espécie de doença do luto, uma vez que o objeto provocador do segredo promoveria um despertar libidinal traumático no sujeito. Quando perdido, tal objeto morto representaria a impossibilidade de elaboração do desejo outrora despertado. Assim, o sujeito permaneceria em um estado de fixação e de desejo por esse objeto. Tais sentimentos seriam vividos como impossíveis de serem expressos, por isso, deveriam ser preservados como um segredo sepultado na cripta. Dessa forma, o desejo do sujeito, pela ambivalência do objeto, não poderia ser introjetado e, por isso, foi incorporado, dando origem ao que Abraham e Torok denominam de fixação imaginal (Antunes, 2003).

De acordo com esses autores, na introjeção o desejo é assimilado pelo sujeito através da mediação do objeto.<sup>7</sup> O primeiro momento da introjeção seria o de a criança preencher a boca vazia com palavras, inserida em um mundo de linguagens e representações em que a presença não precisa ser concreta, de forma que se constitui aí a presença simbólica do objeto; a linguagem supre a ausência do objeto. “A passagem da boca cheia de seio à boca cheia de palavras se efetua por meio da experiência da boca vazia. Aprender a preencher com palavras o vazio da boca é um primeiro paradigma da introjeção” (Abraham & Torok, 1995, p. 246).

A introjeção seria da ordem do processo e da realidade enquanto a incorporação seria da ordem da fantasia (Antunes, 2003). Pela fantasia (incorporativa) o sujeito cria a ideia de que o objeto está dentro de si, o que impede o processo de elaboração e, conseqüentemente, a perda não pode ser verbalizada. Trata-se de um movimento inconsciente no qual o sujeito “engole” o objeto – em sua totalidade ou de forma parcial – e o seu segredo, sem realizar uma mastigação (elaboração). Ou seja, sem realizar o luto, sem poder voltar para si a energia libidinal investida no objeto real e que continua sendo investida agora no objeto fantasiado. A introjeção, portanto, fica impossibilitada, uma vez que, em lugar do simbólico, está a fantasia do objeto dentro (Antunes, 2003).

A incorporação seria uma solução tida como mágica para a perda do objeto; quando o luto não pode ser realizado, o sujeito alucina a presença do objeto dentro de si, ele é “engolido”. A incorporação pressupõe uma desmetaforização e uma objetivação, já que é a própria coisa que permanece encriptada. A incorporação seria

[...] recusar o luto e suas conseqüências, é recusar introduzir em si a parte de si mesmo depositada no que está perdido, é recusar saber o verdadeiro sentido da perda, aquele que faria com que, sabendo, fôssemos outro, em síntese, é recusar sua introjeção. A fantasia de incorporação denuncia uma lacuna no psiquismo, uma falta no lugar preciso em que uma introjeção deveria ter ocorrido (Abraham & Torok, 1995, p. 245).

Dito de outro modo, a fantasia de incorporação atua no sentido de manter congelado o conflito, ou como afirmam Abraham e Torok (1995), em “Luto ou melancolia”, a incorporação não passa de uma fantasia que dá segurança ao ego. Está mais relacionada à compulsão à repetição de algo não elaborado e encriptado do que à representação e elaboração do conflito; a fantasia de incorporação é atuada, não é posta em palavras.

As palavras, as frases, indizíveis e ligadas a lembranças de alto valor libidinal e narcísico, não se acomodam à sua exclusão. Desde sua cripta imaginária em que, desvitalizadas, anestesiadas, dessignificadas, a fantasia

acreditava pô-las em hibernação, as palavras indizíveis não cessam de desenvolver sua ação subversiva (Abraham & Torok, 1955, p. 251).

A cripta seria portadora de um segredo inconfessável e seria formada a partir de um recalçamento patogênico ou conservador. Para Antunes (2003), o recalçamento conservaria em uma parte clivada do ego um desejo inconfessável. A cripta é o lugar em que se esconde esse desejo, segredo, compreendido como vergonhoso e destruidor, que deve ser mantido encriptado, congelado, e do qual não se pode ter palavras para dizê-lo, pelo seu caráter secreto e ameaçador. Entretanto, a cripta não é silenciosa, se mantém pulsante, e os segredos que ela esconde permanecem vivos como se pudessem inundar o sujeito, a partir de uma parte alheia a si mesmo.

Nesse sentido, Antunes (2003) afirma que a perda de um objeto qualificado como narcisicamente indispensável e a impossibilidade de comunicação da perda constituem o caráter críptico das fantasias de incorporação, já que o sujeito não relata o luto do qual é portador, não o significa através da linguagem, está impossibilitado de comunicá-lo pela impossibilidade de introjetar a perda.

É desse modo que, não raramente, o fantasma da cripta se manifesta no sujeito provocando fenômenos estranhos, atos inesperados e sensações aparentemente sem razão. Essa estranheza tem relação com a lacuna provocada pelo segredo instalado no inconsciente, que acaba comprometendo a própria capacidade de simbolizar e afetando não apenas o próprio sujeito, mas também as gerações seguintes, que também serão depositárias da cripta e a “receberão” pela via inconsciente, de forma que ela se manifestará de forma estranha, como um não saber, proveniente de um objeto recalçado. Este passa a ser, para seus receptores, uma sepultura vazia (Antunes, 2003).

Em relação ao luto patológico, o segredo parental funcionaria como uma assombração, que nunca se integra ao aparelho psíquico da criança. O símbolo, nesse caso, não seria resultado da perda de um objeto ou consequência do luto não elaborado, não se trataria de uma cripta, mas seria o efeito da cripta sobre as gerações seguintes (Antunes, 2003).

Segundo Abraham e Torok (1995), a família pode atuar enquanto máquina de influências sobre a criança, fato que pode se dar através do inconsciente da mãe ou da cripta da mãe, o que significa que se não houver segredos, a criança irá se apropriar da linguagem verbal; por outro lado, se houver um segredo inconfessável, a criança irá se ver diante de palavras que lhe colocam um obstáculo intransponível, impedindo sua autonomia e sua inserção no grupo social.

O fantasma seria transmitido, portanto, de uma cripta dos pais para o inconsciente dos filhos. Trata-se de algo transgeracional, fantasma diluído no inconsciente, uma lacuna no dizível, uma lacuna deixada na criança pelo segredo dos pais, uma espécie de maldição.

### **O SEDUTOR NA CRIPTA: UM ENCONTRO TEÓRICO**

Tendo, pois, exposto algo dessas duas teorias, a de Jean Laplanche e a de Abraham e Maria Torok, nos propomos, aqui, a articular possíveis relações entre elas. É importante ressaltar que Abraham e Torok não desenvolveram toda uma teoria do funcionamento psíquico tal qual Laplanche, mas sim produziram conhecimento sobre questões pontuais em relação a esse funcionamento.

Vimos que a teoria de Laplanche propõe uma situação originária que marcaria a fundação do psiquismo infantil através da alteridade, de uma relação assimétrica. A criança se encontra em um estado de desamparo, no qual necessita de cuidados de um adulto para garantir a sua sobrevivência; entretanto, o inconsciente do adulto lhe é excessivo e impele a criança a um trabalho de tradução que nunca é inteiramente bem-sucedido, pois sempre ficam restos. Para essa tradução ela conta com assistentes de tradução oferecidos pelo outro e pela cultura. Como dissemos, trata-se de mensagens enigmáticas para a criança, que não pode decifrá-las nem imediata e nem inteiramente, e para o adulto, pelo fato de estarem comprometidas pelo seu inconsciente.

Laplanche (2005) apresenta duas modalidades de veiculação das mensagens enigmáticas: a mensagem implantada e a mensagem intrometida. Segundo o autor, a forma “normal” e neurótica é a implantação de mensagens. Nessa modalidade há a ligação a representações e a mensagem está sujeita ao processo de tradução. Nesse momento, de passivo que o sujeito era em relação ao adulto, torna-se ativo no processo de decifração. Quanto ao recalçamento, Bleichmar (1994) traz-nos a ideia de que o processo de implantação produz “restos”, ou representações-coisa, como remanescentes não traduzidos do processo. Logo, não se chega a uma tradução absoluta do conteúdo admitido. Essas mensagens são recalçadas, alojadas no inconsciente, podendo ser acessadas pelo processo psicanalítico.

Já no que tange às mensagens intrometidas, estas se caracterizam pela inserção violenta do conteúdo. Laplanche (2005) afirma que se trata de mensagens cuja metabolização é impossível. Elas provocam um bloqueio do processo de metabolização, de forma que são colocadas no interior do “organismo” sem passar pela tradução.

Um tipo de mensagem intrometida é a cena originária. Esta possui um conteúdo “de violência, selvageria, castração e analidade” (Laplanche, 2001 como citado em Rodrigues, 2013, p. 36). Justamente pelo seu caráter violento e excessivo, essas mensagens não passam pela tradução, e, por isso, nem pelo recalçamento. Medeiros (2012) supõe que a mensagem intrometida é aceita pelo inconsciente tal qual foi inserida.

Para Bleichmar (1994), as mensagens intrometidas mantêm-se no psiquismo como signos de percepção, ou seja, não se inscrevem, ficam ali tal qual adentraram. Cardoso (2002) acrescenta que essas mensagens que não podem ser metabolizadas permanecem no psiquismo em estado bruto “forçando-o” a agir. Dessa forma, as mensagens intrometidas atuam como imperativos que impõem à repetição compulsiva e fragmentada.

A mensagem intrometida de Laplanche remete-nos imediatamente, pois, à proposta de Abraham e Torok sobre o conteúdo encriptado. Lembremos que para Abraham e Torok existem experiências que não chegam a passar por uma via da significação, que não encontram terreno propício para serem metabolizadas e vinculadas no psiquismo, “por ausência, carência ou sedução do objeto” (Abraham & Torok, 1968 como citado em Antunes, 2003, p. 61).

A nosso ver, cada uma dessas formas de admissão da mensagem pode ser comparada ao que foi proposto por Abraham e Torok (1995), como incorporação e introjeção. É possível, assim, pensar numa aproximação da mensagem implantada com o que processo de introjeção, ou seja, que a mensagem seja implantada pelo processo de introjeção. Isso porque tanto um como outro tem por premissa a metabolização do conteúdo por processos simbólicos. Quanto à

mensagem intrometida, podemos colocá-la lado a lado com o que Abraham e Torok (1995), influenciados por Ferenczi, como se sabe, chamam de incorporação, isso porque ambas falam sobre um “englobamento” de conteúdos sem que se passe pela metabolização.

Por fim, como Abraham e Torok (1995) afirmam que os conteúdos encriptados assim o são devido à não realização do processo de introjeção, tendo como destino a incorporação, podemos pensar aqui que existem semelhanças entre os conteúdos encriptados do casal de autores e a mensagem intrometida de Laplanche. Isso porque ambas guardam ligação com o processo de introjeção proposto por Ferenczi (2011c). No caso de Abraham e Torok (1995), tal ligação é clara e apontada pelos autores; já no caso de Laplanche, tal relação precisa ser inferida.

Cabe também fazer uma comparação entre o “local de armazenamento” dos conteúdos encriptados e as mensagens intrometidas em ambas as teorias.

De acordo com Laplanche (2003), existem três inconscientes: recalçado, encravado e mito-simbólico, que é um pseudoinconsciente. Interessa-nos distinguir os dois primeiros. O inconsciente recalçado é o inconsciente propriamente dito, freudiano. Já o inconsciente encravado é onde permanecem as mensagens não traduzidas – sejam “restos” de mensagens que foram parcialmente traduzidas, sejam mensagens em que se deu o fracasso total da tradução (intrometidas).

Assim, para Laplanche (2003), o inconsciente encravado possui uma parcela de conteúdos não traduzidos que aguardam tradução, mas também compreende conteúdos não metabolizáveis, cuja simbolização ou tradução é impossível. Dessa forma, o inconsciente encravado de Laplanche consiste em um reduto de conteúdos não traduzidos, incluindo as mensagens anteriormente descritas como intrometidas.

Abraham e Torok (1995), em sua teoria, propõem um “novo” espaço psíquico para os conteúdos que adentram o psiquismo pelo processo de incorporação, ou seja, os conteúdos encriptados. Segundo eles, o conteúdo incorporado não vai para o inconsciente dinâmico, mas mantém-se em uma espécie de “limbo” psíquico.

Segundo Antunes (2003), esse conteúdo que é “engolido” por inteiro, como coisa em si, é mantido em uma área clivada do ego – a cripta; “essa cripta corresponde a um lugar definido. Não é nem o inconsciente dinâmico, nem o ego da introjeção. Seria antes como um território encravado entre os dois, espécie de inconsciente artificial, instalado no próprio seio do ego” (Abraham & Torok, 1971 como citado em Antunes, 2003, p. 71).

Vemos que para Laplanche o inconsciente encravado absorve o conteúdo que poderíamos chamar de incorporado e também os restos não traduzidos que estariam ali aguardando uma tradução. Já a cripta de Abraham e Torok (1995) está reservada para os conteúdos incorporados. Jaz ali apenas aquilo que foi absorvido por completo e não passou por processo algum de metabolização. Nessa comparação que se está estabelecendo entre ambas as teorias, pode-se pensar que o inconsciente encravado e a cripta guardam semelhanças quanto ao conteúdo que lhes pertence, sendo que o inconsciente encravado de Laplanche seria mais abrangente do que a cripta de Abraham e Torok.

Já em relação à concepção de trauma nas duas teorias, cabe retomar o texto de Ferenczi, *Confusão de línguas entre os adultos e a criança* (1911a), no qual o autor trata das repetições de eventos traumáticos e do traumatismo sexual como fator patogênico.

Em uma situação de abuso sexual, é como se a criança se anulasse e se identificasse com o agressor, através do sentimento de culpa. Segundo Ferenczi (2011a), esse processo ocorre pela introjeção do agressor, que desaparece enquanto realidade exterior, tornando-se intrapsíquico, o que vai provocar a erupção do sentimento de culpa.

De acordo com Ferenczi (2011a), a criança fala a linguagem da ternura e o adulto a linguagem da paixão, do sexual; trata-se de uma confusão de línguas entre o adulto e a criança, que daria origem ao trauma. Nesse sentido, podemos retomar as considerações de Laplanche (1992) acerca do terreno para o trauma, que seria construído a partir das mensagens enigmáticas transmitidas pelo adulto para a criança.

O enigmático de Laplanche (1992) é passível de ser simbolizado e traduzido, assim como Abraham e Torok (1995) entendem a simbolização como uma passagem a um nível superior. A criança, ao tentar traduzir essa mensagem, se vê em defasagem; porém, através da revivescência dessa cena traumática a partir de uma segunda cena em um segundo tempo, e através dos assistentes de tradução oferecidos pela cultura, poderá também criar meios de simbolizar esse conflito (Laplanche, 2003).

Pensamos que essa tradução vai ao encontro do que Abraham e Torok afirmam sobre o caráter do desenvolvimento da simbolização: que sempre visaria à ascensão a um nível de desenvolvimento mais elevado, entretanto, considerando que um símbolo não representa outro, mas que um conflito, ao ser simbolizado, carrega consigo algo a mais em relação ao conflito anterior. Trata-se de traduções-destruções-retraduções que impulsionam o desenvolvimento do sujeito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo realizar uma aproximação entre duas teorias: uma, a teoria da sedução generalizada (TSG) desenvolvida pelo psicanalista francês Jean Laplanche, e resultado de anos de estudo dos trabalhos escritos por Freud, e outra, a teoria de Nicolas Abraham e Maria Torok, casal também francês, mas de origem húngara. Compararam-se as ideias de mensagem intrometida e de conteúdo encriptado, e a semelhança encontrada foi muito grande. Isso se deve muito possivelmente ao fato de que ambas as teorias inspiram-se de algum modo na obra de Ferenczi e, sobretudo, no seu conceito de incorporação. Outra aproximação pontuada diz respeito ao destino dessas mensagens/conteúdos, ou seja, as propostas de inconsciente encravado e cripta. Neste último item, chegou-se à compreensão de que ambos contêm conteúdos provenientes do processo de incorporação, mas não se trata de conceitos equivalentes, haja vista que o inconsciente encravado é um conceito mais abrangente do que a cripta. Além do mais, foi possível observar também uma aproximação nos conceitos de trauma de ambas as teorias.

## NOTA

7. Introjeção, como se sabe bem, é um conceito formulado por Ferenczi. Ela se encontra na relação com qualquer objeto, na transformação e apropriação dos interesses do ego no mundo exterior. Nesse sentido, o autor (Ferenczi 2011b) considera todo amor objetual e toda transferência como uma introjeção, ou seja, extensão e introdução do outro no próprio ego. A introjeção se refere à “exten-

são ao mundo externo do interesse, autoerótico na origem, pela introdução dos objetos exteriores na esfera do ego” (Ferenczi, 2011b, p. 209). O autor ainda propõe a introjeção como um processo inverso à projeção, ou seja, se o paranoico projeta as emoções (amor, ódio) para o mundo exterior, o neurótico objetiva a inclusão de seus interesses do exterior, para fazer objeto de suas fantasias (Ferenczi 2011c). “O ‘ego’ do neurótico é patologicamente dilatado, ao passo que o paranoico sofre, por assim dizer, uma contração do ‘ego’” (Ferenczi, 1909c, p. 95).

#### REFERÊNCIAS

- Abraham, N., & Torok, M. (1995). Luto ou melancolia (pp. 243-257). In: Abraham, N., & Torok, M. **A casca e o núcleo**. São Paulo: Escuta.
- Antunes, S. P. (2003). **Os caminhos do trauma em Nicolas Abraham e Maria Torok**. São Paulo: Escuta.
- Bleichmar, S. (1994). **A fundação do inconsciente: destinos da pulsão, destinos do sujeito**. (K. B. Behr, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Campos, E. B. V. (2012). Os fundamentos da constituição subjetiva segundo Laplanche. **Impulso**, 22(55), 21-34.
- Cardoso, M. R. (2002). **Superego**. São Paulo: Escuta.
- Ferenczi, S. (2011a). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In: Ferenczi, S. **Obras completas** (Vol. IV). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (2011b). O conceito de introjeção (pp. 181-183). In: Ferenczi, S. **Obras completas** (Vol. I). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (2011c). Transferência e introjeção (pp. 77-108). In: Ferenczi, S. **Obras completas** (Vol. I). São Paulo: Martins Fontes.
- Houaiss, A., & Villar, M. S. (2009). **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Laplanche, J. (1992). **Novos fundamentos para a psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (2003). Três acepções da palavra “inconsciente” no quadro da teoria da sedução generalizada. **Revista de Psicanálise**, 10(3), 403-418.
- Laplanche, J. (2005). Intromission, implantation. In: Laplanche, J. **Essays on otherness**. Londres: Routledge.
- Medeiros, V. M. (2012). **A sexualidade inconsciente e as manifestações psicossomáticas: de Freud à teoria da sedução generalizada, um percurso teórico** (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil.
- Mijolla. A. (2002). **International dictionary of psychoanalysis**. Farmington Hills: Thomson Gale.
- Rodrigues, G. M. (2013). **Trauma, literatura de testemunho e suicídio: traduções possíveis** (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil.